A psicologia analítica e a habitação: interfaces entre a psique e a moradia

***Psicología analítica y habitación: interfaces
entre psique y morada***

***Analytical psychology and habitation:
Interfaces between psyche and housing***

Paula Serafim Daré

pauladare@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma relação entre a habitação física e as características psicológicas dos indivíduos e da cultura através de uma abordagem junguiana e apresentar estudos relacionados à neurociência buscando um diálogo com o momento atual, a pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

Palavras-Chave: Casa. Psicologia Ambiental. Psicologia Analítica. Habitação. Cultura.

Abstract

This paper aims to establish a relation between the physical housing and the psychological characteristics of both the individuals and the culture through a junguian approach, besides presenting studies related to neuroscience to establish a dialogue with the current context: the pandemic caused by the coronavirus SARS-CoV-2.

Key Words: House. Environmental Psychology. Analytical Psychology. Housing. Culture.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo establecer una relación entre la habitación física y las características psicológicas de los individuos y la cultura a través de un enfoque junguiano y presentar estudios relacionados con la neurociencia buscando un diálogo con el momento actual: la pandemia provocada por el coronavirus SARS-CoV-2.

Palabras- Clave: Casa. Psicología Ambiental. Psicología Analítica. Vivienda. Cultura.

INTRODUÇÃO

A casa reflete características do indivíduo e da cultura ao mesmo tempo. Nesses dois campos, individual e cultural, ela representa uma fronteira entre o interno e o externo, o pessoal e o coletivo. A casa física é abrigo, proteção, repouso, reorganização para novos enfrentamentos do dia a dia. A construção de nossas casas envolve inúmeros fatores: econômicos, sociais e culturais, que dão a esta estrutura características de uma sociedade, de um grupo, uma etnia. Nessa perspectiva, podemos olhar a habitação, a partir de seus aspectos coletivos, como uma fonte de informações sobre o que a casa representa para uma sociedade. Já do ponto de vista individual, a habitação traz particularidades do indivíduo e expressa o que é importante que ela tenha para oferecer ao seu morador o equilíbrio necessário à sua segurança e identidade, uma vez que diversos aspectos a ela relacionados, como arquitetura, organização e ocupação dos espaços, ratificam para seu habitante quem ele é, o que ele gosta e valoriza.

A arquiteta Lúcia Leitão, em seu livro *Quando o ambiente é hostil*, faz uma análise da obra de Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*, de 1936. De acordo com a autora, quando o Brasil saiu do modelo das grandes fazendas e veio habitar o meio urbano, os sobrados substituíram a casa grande e o espaço público ficou relegado a um lugar

menos investido e marginal. Parece que mantivemos esse padrão. Hoje justifica-se a existência de condomínios como uma proteção contra violência; no entanto, trata-se de uma prática que materializa a segregação social e relega o espaço público à condição de menos valorizado. Para Lúcia Leitão, nossa organização urbana reflete a construção social do Brasil, dentro de um sistema patriarcal e do espaço privado. Os nossos condomínios de casas e prédios são modelos novos de valores antigos. Habitar esses lugares faz o indivíduo sentir-se distinto, como o senhor de engenho. Por vezes, pouco importa se um prédio se harmoniza com o local, se é compatível com o fluxo. Para a arquiteta, os nossos shoppings também representam essa construção social brasileira – “espaços que acolhem os iguais” (LEITÃO, 2014, p.126).

No Brasil, o espaço público é o lugar da sombra, do que é excluído. Para Hillman (1993), o reprimido não está mais no sexo, nos preconceitos, está no mundo, nesses lugares que não enxergamos mais. Cada vez mais somos privados do caminhar, um convite para a atividade imaginativa e para o divagar dos pensamentos. Uma cidade que não permite o caminhar desaloja a mente.

O MORAR DE CADA ÉPOCA TRANSFORMA-SE JUNTO COM A CULTURA

No século XIX, móveis sólidos que durassem toda uma vida eram objeto de desejo e conferiam ao seu dono segurança e estabilidade. Hoje, em nossa modernidade líquida – termo descrito por Baumann (2001) –, objetos versáteis e que possam mudar sua finalidade parecem ser mais sedutores.

No século XXI, o mercado imobiliário aponta para casas pequenas, imóveis de 20 m² aproximadamente, com custo mais baixo, porém, em compensação, mais próximos do centro. Segundo o arquiteto Guilherme Torres, com a digitalização de documentos e livros, talvez possamos nos mudar com mais facilidade de casa, pois levaremos nossa história em uma “nuvem”. Conviver em espaços cada vez menores pode ser difícil e solitário, o que pode levar à necessidade de criar espaços

comunitários. O isolamento pode gerar, compensatoriamente, o desejo de se estar em grupo (TORRES, 2015).

Essa visão compensatória do movimento estético do morar, em relação aos movimentos da psique coletiva, já estava presente em um livro de 1907 do historiador, Wilhelm Worringer, chamado *Abstraction and Empathy*. Segundo o autor, a mudança dos valores estéticos origina-se na falta, naquilo que está ausente em determinada sociedade. Muitas vezes, o gosto estético de uma época aponta para determinada direção e o que está fora desse espectro pode voltar a nos interessar em outro momento (WORRINGER, 1997).

A CASA COMO SÍMBOLO

O inconsciente funciona de modo compensatório em relação à consciência, e a emergência dos símbolos, seja em caráter pessoal, seja coletivo, reflete a compensação da unilateralidade da consciência. Os símbolos operam na consciência, fazendo a ponte com aquilo que para nós é desconhecido.

A casa pode simbolizar algo pessoal para o indivíduo e o conjunto de casas pode representar algo de uma cultura e de seus complexos culturais – conjunto de atitudes e valores que atuam de modo inconsciente em uma cultura ou grupo (NUNES, 2012).

É pelos símbolos que o mundo dos arquétipos penetra na cultura e na consciência. O arquétipo (*arqué* = princípio; tipos = impressão, marca) é tudo aquilo que é típico, que se repete na cultura, na humanidade. Essa força, sem forma definida, vai se vestir de cultura para poder penetrar na consciência, de modo que o símbolo veicula o arquétipo por meio da cultura, unindo o interno e o externo. Para Jung, o símbolo é um retrato da energia psíquica (JACOB, 1995, p. 73).

Os símbolos expressam algo que não podemos compreender completamente e contêm em si múltiplos significados. A consciência é constantemente visitada por símbolos do inconsciente que a revigoram e nutrem, desfazendo antigas visões e

lançando novos olhares sobre os fatos. Quando está ativado, o símbolo carrega energia para a consciência e chega até ela por meio da função transcendente. A função transcendente é uma conciliadora de opostos e, nesse movimento, abre novas perspectivas. De outra forma, ficaríamos paralisados na perpetuação de um conflito. Esse processo pode ser definido como um caminho de autorregulação da psique.

O caminho da autorregulação da psique começa com o indivíduo sentindo uma dificuldade de adaptação, seja no plano exterior, seja no interior; então, a energia disponível para o ego diminui e, com essa regressão da libido, conteúdos inconscientes são ativados, gerando tensão e, por vezes, sintomas. É aí que a função transcendente, por meio desta tensão gerada, começa a formar símbolos na tentativa de levar conteúdos do inconsciente à consciência. À medida que estes símbolos vão sendo assimilados, há uma progressão da libido (SHARP, 1991).

A CASA E OS SONHOS

Para Bachelar (1993), a nossa casa da infância nos imprime uma maneira de habitar. É comum nossos sonhos nos levarem para as casas em que moramos no passado (ELLARD, 2016). Nos sonhos, a casa pode aparecer como uma representação da estrutura do sonhador, mostrando locais a serem explorados, níveis subterrâneos como aspectos menos acessíveis à consciência, a cozinha como campo das transformações, enfim, a estrutura da casa onírica como uma representação das condições psíquicas do indivíduo (HALL, 1983).

Em 1909, Jung teve um sonho em que ia descendo diferentes andares de uma casa. Os ambientes iam ficando cada vez mais antigos, conforme a descida progredia. No segundo andar, onde estava, havia uma sala de estar com móveis rococó; no andar térreo, a casa assemelhava-se às dos séculos XV e XVI. Continuando a descer, deparou-se com uma sala que parecia da época romana, chegando a uma gruta baixa e rochosa de uma civilização primitiva com crânios humanos. Este sonho ilustrou para Jung conceitos de sua teoria sobre a existência de diferentes níveis de consciência e a permanência no homem de elementos primordiais que, mais tarde, ele chamou de inconsciente coletivo (JUNG, 1988).

Outro episódio significativo foi a construção da sua casa de campo, em Böllingen, que representou a concretização em pedra de seus pensamentos. Jung desejava comprar terras perto da aldeia de Schmerikon, um local muito precioso para a população local, que o considerava um santuário. O lugar já havia pertencido ao Mosteiro de St. Gallen e os moradores não queriam o excêntrico Dr. Jung como vizinho. Por fim, Jung comprou parte das terras menos cultuadas pela população. Desde o início, ele traçou um paralelo entre a construção e seus escritos e mostrou seu primeiro desenho da casa para Walther Niehus, que viria a se tornar seu genro. A obra começou com Jung, Franz (filho), Kurt (genro) e Walther.

A morte de sua mãe, em 1923, o fez rever os planos da obra, pois o lugar tornara-se muito pessoal para ele. Após a morte da sua esposa, Emma, construiu um segundo andar que nomeou como “a capela” (BAIR, 2006, p. 415-417). A princípio, queria fazer uma cabana que representasse os sentimentos primitivos do homem; depois, resolveu aumentá-la e a construção tomou a forma de uma torre: “Era poderoso o sentimento de repouso e de renovação que a torre despertara em mim desde o começo. Constituí como uma morada materna” (JUNG, 1988, p. 196). A cada quatro anos, Jung acrescentava partes a essa construção, que foi finalizada após 12 anos. Havia um lugar onde somente ele entrava, um espaço de reflexão e de retirada do mundo exterior: “a torre dava-me a impressão de que eu renascia na pedra” (JUNG, 1988, p. 197).

Não são todos que conseguem construir uma casa de acordo ou em consonância com seu desenvolvimento pessoal, mas nossas escolhas, dentre nossas opções, contam particularidades a nosso respeito.

Do ponto de vista psíquico, a nossa primeira casa é o corpo materno, portanto, a casa é também um símbolo da mãe e do feminino. O corpo da mãe é o lugar onde somos contidos e a nossa primeira fronteira com o mundo externo.

Para Ammann (2002), quando estamos dentro de casa é como se estivéssemos protegidos, envolvidos pela pele. Em alemão, as palavras “casa” (*haus*) e “pele” (*haut*) são derivadas de envolver, embrulhar (p.37).

A mitologia grega apresenta conteúdos simbólicos da casa na figura de Héstia, filha de Cronos e Réia. Representada pela lareira, o fogo sagrado, Héstia é a deusa protetora dos lares. Ao contrário da mobilidade dos outros deuses, Héstia mantém-se no mesmo lugar, assegurando a seus moradores o conforto e a proteção; é o convite à permanência, àquilo que em nós se mantém, nossa identidade (PARIS, 1994). O deus complementar a Héstia é Hermes, a divindade dos deslocamentos.

Em seu texto sobre Hera e o casamento, Hillman relaciona a deusa defensora das uniões à defesa da casa e da estabilidade, também ligada à propriedade. Portanto, podemos ver Hera na administração da casa e na sua defesa. Quando nos fixamos sob um teto, adquirimos um lugar social. Hillman nos sinaliza que quando alguém fica bravo com o desleixo do outro pela casa está ativando a fúria de Hera, pois trata-se de uma profanação do templo (HILLMAN, 2007).

De acordo com a psicóloga Angelita Scardua (2017), a casa nos coloca em contato com instintos básicos da busca pela sobrevivência ao longo de nosso processo evolutivo. Scardua os enumera:

1. Busca de refúgio: a busca por locais seguros, que protegiam os indivíduos de predadores, nos levaria até hoje a procurar lugares onde tenhamos a sensação de acolhimento e de reclusão.
2. Visibilidade: lugares altos que possibilitam a saída com segurança até hoje são valorizados.
3. Relação com o desconhecido: a curiosidade sempre levou à exploração de novos lugares; estamos sempre curiosos para saber aonde um caminho ou uma escadaria podem nos levar.
4. Natureza: lugares com vegetação são fonte de alimentos e de sobrevivência.
5. Preferência pela simetria: formas ordenadas conferem sensação de confiabilidade.

6. Centro: lugares afastados dos locais de passagem são organizadores para o recolhimento.

A casa faz fronteira entre o espaço interno e o externo e proporciona às pessoas territorialidade, privacidade e identidade, uma vez que elas têm neste ambiente suas características representadas (MALARD *apud* PEREIRA, 2015).

Podemos dizer, portanto, que a casa como representante de seu morador adquire esse status quando ganha significado. No lugar onde moramos vão sendo inscritos o modo como vivemos, nossa rotina e a maneira como ocupamos seus espaços. Quando fazemos uma viagem, é comum trazermos uma lembrança para nossa casa. É como se a incluíssemos em nossas memórias e transformações.

Quando um espaço nos agrada, talvez seja porque ele expressa aquilo que para nós é o viver bem. Uma casa pode ser austera ou divertida, acolhedora ou fria; é comum lhe atribuirmos características humanas (BUTTON, 2007).

O lugar transforma o homem e o homem transforma o lugar. Segundo Botton (2007), um ambiente agradável pode nos dar esperanças, enquanto um lugar precário pode nos colocar em contato com faltas e temores. Para o autor, somos diferentes em lugares diferentes e a arquitetura pode nos ajudar a estarmos melhor. O ambiente onde estamos não impõe sensações ou condutas, mas sugere e facilita seu desenvolvimento.

MORADIA E NEUROCIÊNCIA

A neuroarquitetura estuda a influência do espaço construído e do meio urbano no comportamento dos cidadãos. A união de cientistas e arquitetos procura compreender como os ambientes influenciam nosso modo viver e como é possível melhorar nossa qualidade de vida.

O pesquisador Roger Ulrich estudou a velocidade de recuperação de pacientes que haviam se submetido à cirurgia da vesícula biliar e estavam hospitalizados, concluindo que os pacientes que viam a natureza através da janela recuperavam-se mais rapidamente do que aqueles que viam apenas paredes. Contemplar a natureza

diminui a agitação e produz frequências mais adequadas do coração e da atividade cerebral (ULRICH, 1984).

O psicólogo Peter Khan realizou uma pesquisa para analisar a diferença entre olhar a natureza diretamente e, depois, através de um aparato tecnológico. No estudo, ele mostrou aos participantes uma paisagem natural através da janela e, em seguida, a mesma paisagem filmada e projetada em uma parede, como se fosse uma janela. As imagens projetadas não desencadearam a mesma resposta fisiológica. Em uma retestagem, apresentou apenas a imagem projetada, dessa vez em um espaço onde não havia janelas, e os participantes da pesquisa apresentaram respostas mais positivas do que se eles permanecessem sem olhar nenhuma imagem. Os resultados sugerem que quando não há alternativa melhor, os dispositivos tecnológicos podem ajudar (KHAN, 2011).

CENTROS URBANOS E SAÚDE MENTAL

Ansiedade e depressão são mais diagnosticadas em zonas urbanas do que em zonas rurais e isso pode estar ligado, entre outros fatores, a diferenças de status socioeconômico e à violência. Estudos mostram que a coesão do bairro e sua boa mobilidade diminuem as taxas de patologias, o que leva à conclusão de que o desenho urbano influencia na saúde mental (ELLARD, 2016).

Estudo realizado por Florian Lederbogen e colaboradores, publicado pela *Nature*, mostrou que áreas cerebrais diferentes são ativadas mediante o estresse, variando conforme o local de origem do participante: meio urbano ou cidades menores. Nos participantes que moravam em zonas urbanas, houve uma ativação mais pronunciada da amígdala e maior ativação do córtex cingulado. Estas duas áreas cerebrais são rotas para estados de risco. O estudo mostrou que quem é criado e vive em grandes cidades apresenta respostas cerebrais particulares. Viver entre desconhecidos cria reações de reserva e esses mecanismos cronificados afetam a avaliação que o cérebro faz dos fatos e como reage a eles (LEDERBOGEN et al., 2011).

JUNG E UMA DESCRIÇÃO SOBRE PARACELSO

O volume 15 das obras completas, *O espírito na arte e na ciência* (1987), traz uma palestra proferida por Jung em 1929 sobre Paracelso. Nela, Jung fala sobre a influência do ambiente no indivíduo:

[...] encontramos a casa de seus pais num vale profundo, isolado, à sombra de árvores e rodeado por altivas e escuras montanhas que encerravam as colinas e planícies pantanosas da melancólica Einsiedeln. Os picos mais elevados dos Alpes erguiam-se em uma proximidade inquietante; o poder da terra prevalece visivelmente sobre a arbitrariedade do homem; ameaçadoramente viva, a terra mantém o homem preso em sua cavidade e impõe a ele sua vontade. Aqui, onde a natureza é mais poderosa do que o homem, ninguém lhe escapa; o frio da água, a rigidez da rocha, a nodosidade e tenacidade das raízes do mato e os escarpados das encostas infundem na alma de quem lá nasce algo inextirpável e que atua de maneira viva; e confere ao suíço teimosia, constância, lentidão e orgulho nato [...] conforme a lei topográfica desconhecida que regula a disposição do indivíduo. (JUNG, 1929/1987, p. 1 e 2, § 2 e 3)

Dessa maneira, inserir a casa e a moradia no campo de pesquisa da psicologia pode oferecer informações relevantes e resultados inovadores. Segundo Han (2016), vivemos a sociedade do cansaço, temos que desempenhar e produzir o tempo todo, com um incrível acúmulo de informações e pressão por realizar. “O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma” (p. 71).

Para Morin (2005), cada momento que vivemos é ao mesmo tempo produto e produtor de sua condição. Na ordem do dia que é da produtividade e da máxima eficiência, nossa casa pode ser um contraponto necessário ao momento que vivemos. No mundo do desempenho, onde estamos sempre produzindo, há um número enorme de programas de TV que têm a casa como protagonista, sob diferentes abordagens: decoração, organização, reforma, além de um infindável número de publicações que têm a casa como estrela (HILLMAN, 2007). Pode-se pensar que enquanto a consciência coletiva aponta para a produtividade excessiva, há uma demanda da psique coletiva que se manifesta no interesse pelo lugar do repouso. A casa pode ser um local de conflitos familiares, de embates com os filhos,

mas é também o lugar onde lambemos nossas feridas, descansamos o corpo e onde alma encontra a paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto já estava concluído quando a pandemia do coronavírus SARS-CoV-2 eclodiu. Se na Idade Média morava-se e trabalhava-se no mesmo local e, portanto, era uma mistura de espaço público e privado (RYBCZYNSKY,1991), durante a pandemia da COVID-19 experimentamos um *revival* medieval em versão atualizada – o *home office*.

Esta mescla entre até que ponto vai a vida pública e começa a vida privada, já estava com seus limites rompidos desde que o celular se estabeleceu com suas mensagens, mas a pandemia deixou ainda menos claro estes limites. Se a casa ainda era um reduto de privacidade, de fronteira, de uma hora para outra houve uma mudança nesta condição e a nossa casa passou a acolher tudo o que fazíamos fora dela, escola, exercícios físicos, trabalho, cultos religiosos, entre outros. Se em um primeiro momento havia algo de sedutor para quem podia trabalhar em casa, uma vez que estávamos saudosos de usufruir dela com tantas demandas externas, em um segundo momento, começou a aparecer uma certa saudade de quando nossa casa não recebia tantas visitas virtuais. Como analista ouvi os esforços das pessoas tentando delimitar ambientes, sentindo falta destas fronteiras que nos ajudam a dar limites, suporte e organização. O espaço que habitamos nos dá referências e quando todas elas são quebradas passamos a habitar um lugar que não nos confere identidade. Talvez algo parecido com filmes de "ficção", nos quais vagamos de sala virtual em sala virtual.

Segundo Laraia (2001), o determinismo geográfico influencia a cultura, mas não a determina. Para o autor, a cultura condiciona modos de ver e interagir com o mundo. Os estudos em neurociência têm mostrado, no entanto, que o determinismo geográfico possui grande força nas características da cultura. Do ponto de vista psicológico, tomar consciência das determinantes que agem sobre nós pode mudar nossa interação com lugar onde vivemos.

É provável que a experiência vivida durante este período nos leve a novas formas de habitar ou a ressignificar nossos espaços de moradia. Estas transformações no modo de habitar vão transformando a cultura em uma constante inter-relação.

A neurociência pode nos fornecer caminhos de intervenção social que melhore a vida das pessoas, mas não podemos esquecer que há outros aspectos, nos quais os mesmos estudos criam ambientes que estimulam o consumo e que, por vezes, nos faz tomar como nossos desejos que são impostos pelo coletivo. É importante mantermos a crítica e a ética para que o uso de nosso desenvolvimento não se volte contra nós mesmos.

A globalização uniformiza comportamentos e a forma de habitar. Podemos solicitar refeições de diferentes nacionalidades nos *deliverys*, partilhamos jogos digitais similares em todo o mundo e utilizamos programas semelhantes de computador para escrever um texto, por exemplo (TRAMONTANO, 1997). Se por um lado tudo ficou mais acessível e perto o suficiente para alcançarmos com um toque dos dedos no computador ou *smartphone*, talvez tenhamos nos distanciado daquilo que nos dá identidade, do que está bem próximo de nosso cotidiano. Nunca precisamos tanto da casa, com as nossas referências, para nos lembrar quem somos.

REFERÊNCIAS

- AMMANN, Ruth. Inner space and outer space. A discussion of man's living space. *Revista Junguiana*, São Paulo, v. 20, p. 35-41; 2002.
- BACHELAR, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes; 1993
- BAIR, Deirdre. Jung, uma biografia. São Paulo: Editora Globo; 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar; 2000.
- BOTTON, Alain. A arquitetura da felicidade. Rio de Janeiro: Rocco; 2007.
- TORRES, Guilherme. What's next? Entrevista por Cristina Dantas (p.134-140). *Revista Casa Vogue*, p. 383. Edições Globo Condé Nast; 2015.
- ELLARD, Collin. *Psicogeografia – La influencia de los lugares em la mente y el corazón*. Barcelona: Ariel; 2016.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucamos. Edição digital. São Paulo: Global; 2013.

- HALL, James. A interpretação dos sonhos, manual de teoria e prática. São Paulo: Cultrix; 1983.
- HILLMAN, James. Mythic Figures. V.6. Connecticut: Spring Publications INC.; 2007.
- Cidade & Alma. São Paulo: Studio Nobel; 1993.
- HANS, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Editora Vozes; 2016.
- JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1998.
- JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*: Obras Completas, v.15. Petrópolis: Vozes; 1987. Publicação original: 1929.
- KHAN, P. *Technological Nature: Adaptation and the Future of Human Life*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press; 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
- LEDERBOGEN, Florian et al. City living and urban upbringing affect neural social stress processing in humans. *Nature*, v. 474 – p. 498-501; 2011.
- LEITÃO, Lucia. *Quando o ambiente é hostil – Uma leitura urbanística à luz de Sobrados e Mucamos*. Recife: Editora UFPE; 2014.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Editora Sulina; 2005.
- PARIS, Ginette. Meditações pagãs. Coleção Psicologia Analítica. Petrópolis: Vozes; 1994.
- PEREIRA, Gabriela de Moraes. *Funcionalidade e qualidade dimensional da habitação*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC; 2015.
- RYBCZYNSKI, Witold. *La Casa – História de uma ideia*. Buenos Aires: Eméce Editores; 1991.
- SCARDUA, Angelita. Disponível em: <https://projetohestia.com/quem-somos/home-office/psicologia-do-design-de-interiores-o-que-faz-de-uma-casa-um-lar/>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- TRAMONTANO, Marcelo. *Habitações, metrópoles e modos de vida*. Por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo. 3o. Prêmio Jovens Arquitetos, categoria "Ensaio Crítico". São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil / Museu da Casa Brasileira; 1997. 210mm x 297mm. 10 p. Ilustr. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acessado em: 19 set. 2020.

ULRICH, Roger. View through a window may influence recovery from surgery.
Science, v. 224, p. 420-421; 1984.

WORRINGER, Wilhelm. *Abstraction and empathy* – a contribution to the psychology
of style. Chicago: Elephant paperbacks; 1997.